

# Deus ou Acaso?

É uma coisa ou outra.  
Não será *menos difícil* crer em  
Deus como supremo criador?



Condensado de LE BONHEUR À PORTÉE DE LA MAIN

PADRE MARCEL MARIE  
DESMARAIS, O.P.

**N**UMA AGRADÁVEL noite de verão os insetos rodopiavam e zuniam em volta do abajur ao lado do qual eu escrevia. De repente uma borboleta soltou-se do grupo e pousou deslizando no papel diante de mim. Continuei escrevendo, mas minha caneta dava volta na minúscula criatura de modo a não perturbar sua contemplação fascinada do papel tão iluminado.

Quando cheguei ao fim da página, hesitei. Enxotar a borboleta? Não. Decidi examinar esta jóia viva com uma lente de aumento.

Como, pensava eu, pode uma criatura ser tão pequena e ao mesmo tempo tão complicada? Para chegar a borboleta, a crisálida tinha de

reunir o material básico necessário à sua própria evolução e depois transformá-lo em olhos, pernas, antenas, asas. Aquelas asas mais que tudo me faziam pensar. Suas côres pastel arranjadas com tal perfeição geométrica... de onde vinham? Neste corpo pequenino, mal chegando ao tamanho de um grão de arroz, há côres que igualam ou superam às das obras de nossos maiores pintores.

Enquanto estudava em detalhe essa criaturinha através da lente, concluí que era impossível ser obra do acaso tal trabalho de arte. E em meu coração adorei de outra maneira o Deus "criador do Céu e da Terra e de tudo o que existe nêles".

Se a gente se maravilha com uma

borboleta, como é esmagador então o mistério da vida humana recém-nascida. O corpo pequenino, tão perfeitamente proporcionado. Não admira que a mãe pare de vez em quando enquanto banha o bebê, enlevada, numa espécie de êxtase.

Um pouco mais tarde os bilhões de células do cérebro despertam e o bebê começa a aprender e a falar, o amor surge no coraçãozinho e a criança chega-se à gente num gesto espontâneo de afeição.

Acaso? Uma série de coincidências? Não será *menos difícil* acreditar em Deus como a origem inteligente de toda essa grandeza?

Consideremos isto: leva cerca de 2.000 anos para a luz chegar até nós de uma das estrelas mais próximas, entre os bilhões que existem no Universo. A cintilação que vemos à noite tem estado caminhando em nossa direção—a 3.000 quilômetros por segundo—desde os dias em que Jesus viveu na Palestina.

A idéia é tão mais atordoante quando nos lembramos que o gigantesco relógio do espaço funciona com exatidão rigorosa. Cada estrela, sol ou planeta move-se com regularidade astronômica que é o máximo em precisão. E estão em movimento há milhões de anos.

Ficamos admirados com a exatidão dos cientistas da NASA, que previram o momento exato da descida da Apollo XI na Lua. Mas e o que a própria Lua viajou para este encontro com uma precisão ainda mais surpreendente?

Se no tempo de Jesus cientistas tivessem podido calcular como fazemos hoje, eles teriam podido determinar, com 2.000 anos de antecedência, em que lugar preciso do espaço estaria a Lua no dia 20 de julho de 1969, às 10h 56m da noite, no momento exato em que Neil Armstrong tornava-se o primeiro ser humano a pisar na superfície da Lua.

Tudo isto pode ser mero acaso? Não redesperta a fé num ser infinito de inteligência ilimitada, ó ser a quem chamamos Deus?

É uma coisa ou outra: Deus ou o acaso. Eu por exemplo acho muito difícil acreditar no acaso como supremo Criador do Universo. Essa é também a opinião da maioria dos astronautas. Suas expressões de fé em Deus são bem conhecidas.

Armstrong e Edwin Aldrin, durante sua longa viagem de volta—dois dias depois de descerem na Lua—transmitiram por TV para a Terra. Aldrin citou versículos 3-4 do 8º Salmo de Davi: “Quando contemplo os Teus céus, obra dos Teus dedos, e a Lua e as estrelas que formaste, exclamo: ‘Que é o homem, para Te lembrares dêle?’...”. Quando Armstrong expressou o agradecimento dos astronautas a centenas de milhares de pessoas que haviam ajudado a fazer da ida à Lua um sucesso, sua voz se embargou de emoção ao terminar dizendo: “Deus os abençoe!”

Armstrong e Aldrin, lá fora no espaço infinito, escolheram Deus, não o acaso.

Ainda mais admirável foi o testemunho dos astronautas da Apollo VIII em 24 de dezembro de 1968. Quando Borman, Lovell e Anders se dirigiram para a face oculta da Lua ficariam sem contato com a Terra por 45 minutos. Suas vidas dependeriam de uma máquina; se falhasse, eles entrariam em órbita lunar para sempre, sem possibilidade de volta.

Deu tudo certo, é claro, como sabemos agora. Depois de uma experiência tão dramática, esses homens poderiam ter-se vangloriado, enfatizando o triunfo do espírito humano. Nós teríamos compreendido um orgulho tão legítimo.

Não foi, porém, isso o que eles fizeram.

Em vez de sua própria grandeza, foi sua insignificância no Universo o que mais os impressionou. E naquela noite de Natal, quando na Terra milhões de seres humanos se preparavam para celebrar o nascimento de Jesus, ouvimos as vozes tocantes de Borman, Lovell e Anders, três Reis Magos modernos, lendo cada um por sua vez o 1º capítulo do Gênesis: "No princípio Deus criou os Céus e a Terra...

Ele criou o Sol, a Lua e as estrelas... E Deus viu que isso era bom".

Para os astronautas—e para todos os que não consideram o acaso explicação suficiente do Universo—o próprio Deus dá uma confirmação misteriosa da justeza de sua escolha. À Sua própria maneira Ele diz: "Eu estou lá."

Lembre-se: Se o crente não entende tudo, se tem dúvidas, não é devido à falta de clareza nas verdades da revelação divina, mas porque o espírito humano é limitado.

Sempre que me encontro na obscuridade, quando dúvidas momentâneas me assaltam, tenho recorrido a uma coisa muito simples. Alguns podem achá-lo ineficiente, talvez até infantil, mas me serve muito.

Evoco os grandes espíritos humanos que por 20 séculos acreditaram em Jesus como mensageiro de Deus. Com eles estou em boa companhia. E—como você, espero—sigo na vida por uma estrada de esperança.

Eu sei que ela não terminará num túmulo em algum cemitério. No fim da estrada Jesus me receberá de braços abertos e me encaminhará ao reino do Pai.



### *Nada a Fazer*

O ROMANCISTA Robert Carson teve um agravamento da sua úlcera e foi ao médico. O médico examinou-o, depois disse: "A única coisa que eu vou receitar-lhe é exercício—exercício de memória: esquecer o fumo, esquecer a bebida, esquecer comidas pesadas."

—Bill Kennedy, em *Herald-Examiner* de Los Angeles